

O Arroz Africano na História do Novo Mundo

Judith Carney¹

RESUMO:

O arroz foi introduzido em várias regiões das Américas durante o período colonial. As plantações de arroz floresceram no sudoeste dos Estados Unidos e no Brasil do século XVIII. Fortemente atribuído à iniciativa europeia, estudos recentes sugerem que os escravos africanos proporcionaram mais do que mão-de-obra para o surgimento do arroz como cultura alimentar no hemisfério ocidental. Isso decorre do consenso escolar de que o arroz foi domesticado independentemente na África Ocidental há 3.000 anos e um reconhecimento adicional do seu papel como provisão em navios de escravos transatlânticos. Este artigo resume os resultados da pesquisa em apoio à agência africana no cultivo de arroz do Novo Mundo. Uma abordagem histórica comparativa da cultura do arroz atlântico sugere antecedentes culturais africanos. A discussão examina o papel dos escravos africanos cultivadores de arroz na transferência da semente e habilidades de cultivo críticas para iniciar o estabelecimento da safra nas Américas.

Palavras-chave: Arroz Africano; Escravidão; Introduções de Colheita; Quilombos; Plantações de Arroz.

¹ Department of Geography, University of California Los Angeles. carney@geog.ucla.edu

Quando pensamos a respeito da origem do arroz, a maioria de nós pensa na Ásia. Mas existe outra espécie de arroz que tem sua história menos conhecida. Essa espécie é de origem africana. Nessa imagem da África Ocidental, é possível ver as duas espécies de arroz. Em primeiro plano, há uma mulher senegalesa segurando o arroz africano (*Oryza glaberrima*), que pode ser distinguido por seus grãos vermelhos (Figura 1). Já no plano de fundo, vemos o arroz asiático (*Oryza sativa*). Neste artigo, se apresenta o arroz *glaberrima* africano – o menos conhecido entre as duas espécies – à luz da história ambiental do Atlântico. Cada espécie de arroz domesticado foi introduzida nas Américas, e no Brasil, durante o período colonial. No entanto, o arroz africano seguiu uma trajetória centralizada no comércio transatlântico de escravos, revelando a ação africana para presença desse arroz no Novo Mundo.

Somente em meados do século XX, botânicos concluíram que uma distinta espécie de arroz havia sido domesticada na África Ocidental. Em 1855, o botânico alemão Ernst Gottlieb Steudel investigou o arroz que tinha sido coletado das ilhas fora da costa de Guiné Conakry, em 1845-1848. Ele os encontrou suficientemente dissimilares do arroz asiático *sativa* para concluir que o arroz africano era uma segunda espécie, domesticada separadamente. Steudel classificou este arroz *Oryza glaberrima* por seus cascos lisos. Apoio à sua observação veio de outra fonte no final do século XIX, quando uma expedição francesa as suas colônias africanas do Senegal e do Níger fez uma descoberta inesperada. Em 1899, da região entre os rios superior do Senegal e superior do Níger, os botânicos encontraram um tipo de arroz diferente das variedades asiáticas que lhes são familiares. Este arroz, com cascas avermelhadas e adaptadas a ambientes salinos e marcados por minerais, apresentavam pouca semelhança com qualquer arroz cultivado previamente conhecido.

Essas coleções botânicas francesas revelaram vários parentes silvestres deste arroz, mas nenhum mostrando parentes asiáticos. Os traços distintos do arroz que encontraram, que prosperaram em solos pobres e em pântanos inundados, sugeriram a possibilidade de uma espécie de origem africana independente. À luz da descoberta da expedição e de uma revisão da coleção em que Steudel baseou sua conclusão, o botânico francês August Chevalier e seus colegas, em 1914, avançaram a hipótese de uma espécie de arroz indígena africano (Chevalier & Roehrich 1914; Rochevitz 1932; Chevalier 1937). Em meados do século XIX, a comunidade científica mais ampla aceitou a conclusão de que o arroz *glaberrima* era de fato uma espécie separada domesticada na África Ocidental. A região tradicional do arroz africano na África se observa na Figura 1.

Outras evidências botânicas e arqueológicas localizam o local e época da domesticação do arroz africano. Foi domesticado há três mil anos ao longo do Rio Níger, no Mali (Portères 1970). Antes

Judith Carney

Figura 1. Parte Superior: Duas mulheres produtoras de arroz em Casamance, Senegal, com *Oryza glaberrima* (direita) e *Oryza sativa* (esquerda). Foto: Carney 1987. Parte Inferior: Zona indígena de arroz africano.



Fonte: Os Autores.

da conclusão desses estudos, pesquisadores assumiram, por muito tempo, que a história do arroz, incluindo sua introdução nas Américas, envolvia exclusivamente a espécie sativa asiática. Contudo, seguindo um percurso acadêmico mais amplo a respeito da segunda espécie africana, historiadores começaram a considerar o cultivo do arroz como herança dos escravos da África Ocidental. Isso levantou profundas questões sobre as origens do arroz como cultura alimentar no Novo Mundo, sobre o desenvolvimento do seu plantio e sobre o importante papel que teve na cultura alimentar das antigas sociedades de escravos e na diáspora africana. Com o sequenciamento genético do genoma do arroz *glaberrima* africano, completado em 2014 (Wang et al. 2014), se pode resumir as abordagens metodológicas e evidências da ação africana no início da cultura do arroz no Novo Mundo.

O registro mais completo a respeito da introdução do arroz nas Américas vem da colônia britânica da Carolina do Sul, fundada em 1670. Documentos históricos indicam que o arroz foi plantado no final da primeira década do período colonial. Esse registro atribuiu uma das primeiras introduções do arroz à um navio negreiro português que chegou na Carolina do Sul com grãos de arroz que sobraram dos estoques de alimento da embarcação (Salley 1919). Isso sugere fortemente que os mantimentos desse navio advinham das regiões de cultivo de arroz da África Ocidental.

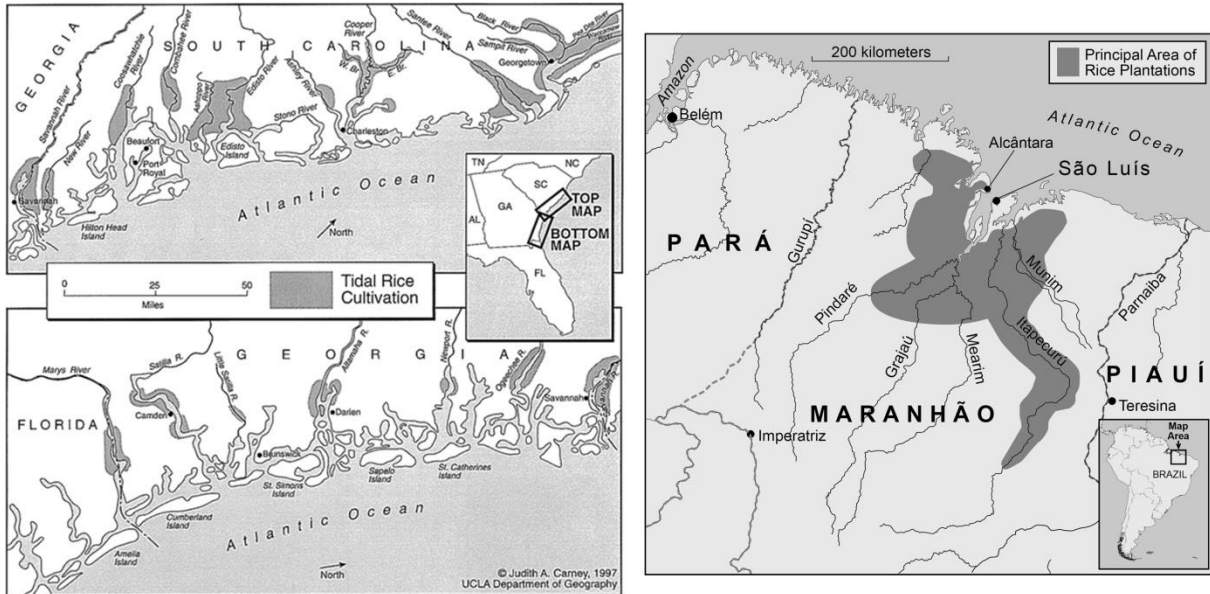
Durante a década de 1690 – apenas vinte anos depois de sua fundação – a colônia da Carolina sofreu uma rápida transição para uma economia de plantation. Foi a primeira colônia das Américas a cultivar arroz em plantation. O mercado de exportação da Carolina era a Europa, especialmente a Península Ibérica. Em países católicos, o arroz era frequentemente consumido com peixes ou refeições sem carne nas sextas-feiras e durante a quaresma. Mas a demanda de arroz começou a expandir por toda Europa, uma vez que também começou a ser utilizado na produção de cerveja e de papel. (Carney 2001)

Na Carolina do Sul, o arroz criou tamanha riqueza que, cento e cinquenta anos mais tarde, permitiu o Estado a liderar a separação do Sul sobre a questão da escravidão. Quando, em 1861, teve início a Guerra Civil dos Estados Unidos, o arroz era plantado ao longo da várzea de dezesseis rios de maré: principalmente nas zonas úmidas costeiras da Carolina do Sul e da Georgia (Figura 2).

A região de cultivo do arroz cobria mais de vinte e oito mil hectares. Cerca de quinhentos e cinquenta plantations de arroz mantinham cem mil escravos (Carney 2001). Entre estes, estava um antepassado da parte do pai da esposa do ex-Presidente Barack Obama, Michelle.

Plantations de arroz também se desenvolveram no Brasil durante o século XVIII. Entretanto, os registros em documentos são menores e menos elaborados. O historiador português, Orlando

Judith Carney

Figura 2. Esquerda: Plantações de arroz da Carolina do Sul e Georgia. Direita: Plantações de arroz no Maranhão, Brasil.

Fonte: Os Autores.

Ribeiro, forneceu uma das primeiras referências a respeito da introdução do arroz no Brasil. Ele mencionou um mercado de arroz ativo localizado nas ilhas de Cabo Verde, há apenas 500 km da região de cultivo do arroz no oeste de Senegal (Ribeiro 1962). Cabo Verde era um importante entreposto comercial de abastecimento para navios portugueses que cruzavam o Atlântico para alcançar o Brasil. Muitos dos cultivos de alimentos e animais introduzidos no Brasil advindos da Europa e da África eram comprados em Cabo Verde como mantimentos dos navios negreiros. De fato, um documento da década de 1530 identificou, explicitamente a compra, para o navio, de grãos de arroz (prontos para serem plantados) para sua viagem ao Brasil. Em 1587, o produtor de açúcar, Gabriel Soares de Sousa, registrou a plantation de arroz como cultura alimentar na Bahia, quase um século antes da presença deste na colônia britânica da Carolina do Sul (Blake 1977) Quando o naturalista Guilherme Piso chegou na ocupação holandesa em Pernambuco, em 1637, o arroz já estava estabelecido como alimento básico de subsistência (Piso 1957).

Em meados do século XVIII, Portugal buscou diminuir sua dependência em relação à importação de arroz da Carolina do Sul. Sob o governo de Pombal, começou-se a estabelecer plantations de arroz no Maranhão, Pará e Amapá -sobre tudo ênfase no Maranhão (Figura 2). Essa região amazônica era geograficamente mais próxima de Portugal que a colônia inglesa da Carolina e contavam com uma terra úmida que era ideal para o cultivo do grão. Já na segunda década do século XIX, a metrópole não mais apoiava as plantations de arroz. Contudo, a ênfase no comércio de arroz deixou um importante legado para o Maranhão. Até a década de 1970, o Estado liderou a produção de

arroz no Brasil, mesmo sendo cultivado principalmente em pequenas propriedades. Mas com a Revolução Verde e seus desdobramentos na variedade de arroz de alta-produtividade, o foco da produção de arroz migrou para o sul do país (Carney 2004).

Em toda as Américas, a história do arroz tem sido comumente atribuída aos europeus: ingleses e franceses na Carolina do Sul, portugueses e açorianos no Brasil (Doar 1936; Heyward 1937; Pereira 2002). Memórias e outros registros, escritos por os descendentes deles, elogiaram os proprietários das plantations por, engenhosamente, descobrirem como fazer crescer uma cultura que nem sequer era cultivada em suas terras-natais.

O historiador norte americano Peter Wood narrou esse “cultivo engenhoso” em seu livro *Black Majority*, de 1974. Ele questionou se os agricultores europeus realmente desenvolveram por conta própria o conhecimento do complexo sistema necessário para preparar a colheita do arroz em clima tropical para o mercado, enquanto também estavam presentes na colônia pessoas que realmente tinham considerável experiência nesse cultivo. Wood foi o primeiro estudioso a sugerir que os escravos africanos foram quem introduziram a cultura do arroz às Américas (Wood 1974).

O arroz foi o principal alimento da África Ocidental, e os africanos eram os únicos imigrantes do Novo Mundo que haviam experimentado o plantio do grão. Devemos lembrar que os escravos não eram apenas trabalhadores nas plantations. Eles também plantavam os alimentos básicos consumidos nelas. Então, os prováveis progenitores do cultivo do arroz no Novo Mundo, Wood reivindicou, foram os agricultores escravos interessados em reestabelecer os seus costumeiros hábitos alimentares como imigrantes fazem em todo mundo.

Wood e estudiosos subsequentes desenvolveram uma tese original, mas confrontaram um registro histórico amplamente difundido (Littlefield 1981; Carney 2001). Eles conseguiram documentar referências de escravos cultivando arroz em seus lotes de subsistência. No entanto, nada do que foi escrito nos registros atribuiu aos escravos o importante papel (e o conhecimento) que tiveram para a cultura do arroz. Contudo, isso não é nenhuma surpresa, dado que a escravidão é um sistema que raramente reconheceu as contribuições daquelas pessoas que tinham sua liberdade privada.

Descobri esta pesquisa histórica sobre o início do cultivo do arroz na Carolina depois de mais de uma década de trabalho de campo e de pesquisa de arquivos sobre sistemas de arroz e sua história na África Ocidental, Maranhão e outras regiões de plantation deste grão na América Latina. Essa pesquisa culminou no meu livro *Black Rice*. Vou agora, brevemente, resumir minha abordagem e argumentos que suportam a tese de que os escravos da África Ocidental foram os promotores do cultivo do arroz no Novo Mundo.

Minha abordagem histórico-geográfica destaca a noção da “cultura do arroz”. O que eu quero dizer com “cultura do arroz” é o conjunto de técnicas e práticas que abrangem desde a produção no campo até a cozinha: desde a semeadura, passando pela pilagem, pelo cozimento até seu importante papel em diversos pratos. Isso envolve pensar no arroz como algo além do que comemos. Minha ênfase é na comparação de técnicas e métodos que caracterizam a cultura do arroz na África Ocidental com o sistema que emergiu nas Américas durante o período colonial.

Avaliar as evidências que apresento ajuda a pensar no cultivo do arroz – ou em qualquer outro cultivo de alimento – como um “sistema de conhecimento” – o que significa – um corpo de informações e habilidades culturalmente transmitidas para plantar, cultivar, colher, preparar e cozinhar uma determinada cultura (Carney 2001; Fields-Black 2008). Comumente tomamos tal sistema de conhecimento como dado, mas eles não são nem simples, nem auto evidentes. Quando comparamos os registros históricos sobre cultivo de arroz do mundo atlântico, reexaminando-os à luz do que foi dito, encontramos evidência inegável de que o cultivo de arroz em sociedades escravistas do Novo Mundo começou com o sistema de conhecimentos do arroz africano. Esse link é uma evidência de que as formas como o arroz foi plantado, moído, e preparado em pratos nas Américas são exatamente as mesmas que se usavam na África.

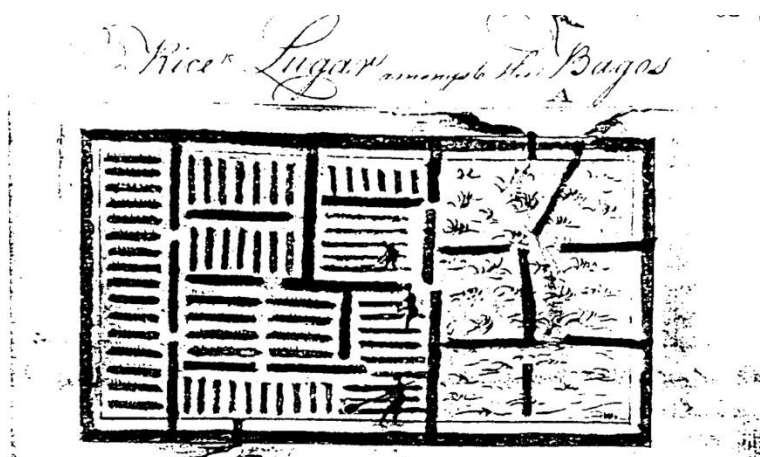
Além disso, a hipótese que o arroz glaberrima era uma planta tirada da África para as Américas na época da escravidão foi fundamentado apenas alguns anos atrás. Uma pesquisadora holandesa o encontrou seu cultivo no interior de Suriname numa comunidade Saramaka. É significativo que esse arroz foi encontrado num jardim medicinal cultivada por uma mulher quilombola (Van Andel 2010). Foi a primeira vez que encontrou glaberrima nas Américas desde 1938, quando o botânico francês Vaillant identificou *Oryza glaberrima* a ser plantados nas roças de arroz dos quilombos da Guiana Francesa. Um colega botânico dele concluiu que o glaberima da Guiana era mais similar em morfologia a encontrada na Libéria e na Costa do Marfim em África Ocidental (Carney 2005). Parece ser o único registro de arroz glaberrima nas Américas até 2006 quando a pesquisadora van Andel encontrou uma amostra a ser vendido no mercado de Paramaribo, o capital do Suriname. Ela traçou os grãos a uma comunidade quilombola de Saramaka. Ainda mais recentemente um estudo genético comparou esta amostra da glaberrima com outras da África Ocidental. Os resultados indicam que a espécie quilombola é mais estreitamente relacionada com o arroz africano da Costa do Marfim. Além disso, tanto a amostra de 1938 como 2006 são relacionados a glaberrima da região africana (Van Andel et al. 2016).

Os primeiros registros portugueses e europeus sobre viagens ao longo da costa africana permitem uma abordagem comparativa da cultura do arroz, uma vez que foi trazida para todo o lado

atlântico do globo. Relatos dos séculos XV e XVI da Guiné Costa Alta identificam três principais microambientes africanos que abrigavam as plantations de arroz: a) zonas com uma precipitação considerável, b) pântanos, e 3) várzeas de rios e estuários costeiros (Carney 2001). Mais tarde, estes sistemas de arroz africano foram estabelecidos na colônia da Carolina, Maranhão, Suriname, e no México.

Entretanto, as semelhanças entre os sistemas de cultivo do arroz africano e do Novo Mundo vão além dos ambientes caracteristicamente próximos onde se plantava o grão. Esses sistemas também envolviam semelhantes práticas de uso do solo e de tecnologias. É válido ressaltar que o cultivo do arroz requer formas sofisticadas de gestão hidráulica e dispositivos para controlar a inundação.

Figura 3. Parte Superior: Desenho de campo de arroz na África Ocidental, c. 1793. Reimpresso com permissão do *National Maritime Museum*, Londres. Parte Inferior Esquerda: Escavação arqueológica de tronco de árvore para drenagem da parcela de uma plantação de arroz da Carolina do Sul. Parte Inferior Direita: Campo de arroz contemporâneo em Casamance, Senegal, mostrando o tronco de árvore para drenagem do terreno.



Fonte: Os Autores.

Os sistemas de controle de água eram idênticos àqueles utilizados na África Ocidental. Um desenho duma roça do arroz Baga feito por Samuel Gamble, um capitão de um navio negreiro, mostra um campo alagado de arroz da África Ocidental (Figura 3).

Isto é, igual aos que se encontra hoje desde o Senegal até Serra Leoa. Essa configuração é também idêntica às plantations de arroz estabelecidas na Carolina do Sul, no Maranhão e no Pará. Note o tronco de árvore oco na direita, o qual está prestes a ser instalado no aterro. Ele serve como canal para levar e retirar água do campo de arroz. A fotografia na extrema direita revela a mesma tecnologia em uma plantação na Carolina. Esse tronco de árvore para controle da água foi encontrado recentemente durante uma escavação arqueológica de uma plantation de arroz do século XVIII. Observe nas duas imagens no topo direito mecanismos semelhantes para elevação de solo pantanoso (Figura 3).

Figura 4. Almofariz e pilão de moagem, Diáspora Africana. Da esquerda para a direita: Carolina do Sul, 1930; Quilombo do Maranhão, década de 1990; Mandinga, México, década de 1980.



Fonte: Os Autores.

Em parcelas de subsistência, o arroz é colhido com uma pequena faca, que corta o talo perto das panículas onde encontram-se os grãos, perto do topo. Este método deixa propositalmente a maioria

da planta no solo como forragem para o gado. E assim, o estrume fertiliza o solo. Preparar o arroz para o mercado envolve peneirá-lo e pilá-lo (Figura 4).

Vemos a peneiração africana em cestas enroladas. Observe as semelhanças entre esta técnica de cestaria em toda a diáspora africana. O arroz foi moído em toda a diáspora africana, na maneira africana, com almofariz e pilão. O que, mais tarde, o historiador da culinária, Karen Hess, adequadamente chamou de: o batimento do coração da diáspora africana (Hess 1992). Além disso, a figura 4 esclarece o uso de almofariz e pilão em Mandinga, México. O nome da vila afro-mexicana se encontra numa antiga área de arroz perto da cidade de Veracruz. Mandinga é o nome de um grupo étnico de cultivo de arroz de destaque na África Ocidental. Entre os Mandingos o arroz é sempre cultivo feminino. A cultura do arroz africano, como um sistema de conhecimento indígena, carrega uma poderosa presença feminina. Contudo, nas sociedades escravistas das Américas, tanto os homens quanto as mulheres estavam envolvidos no cultivo de arroz.

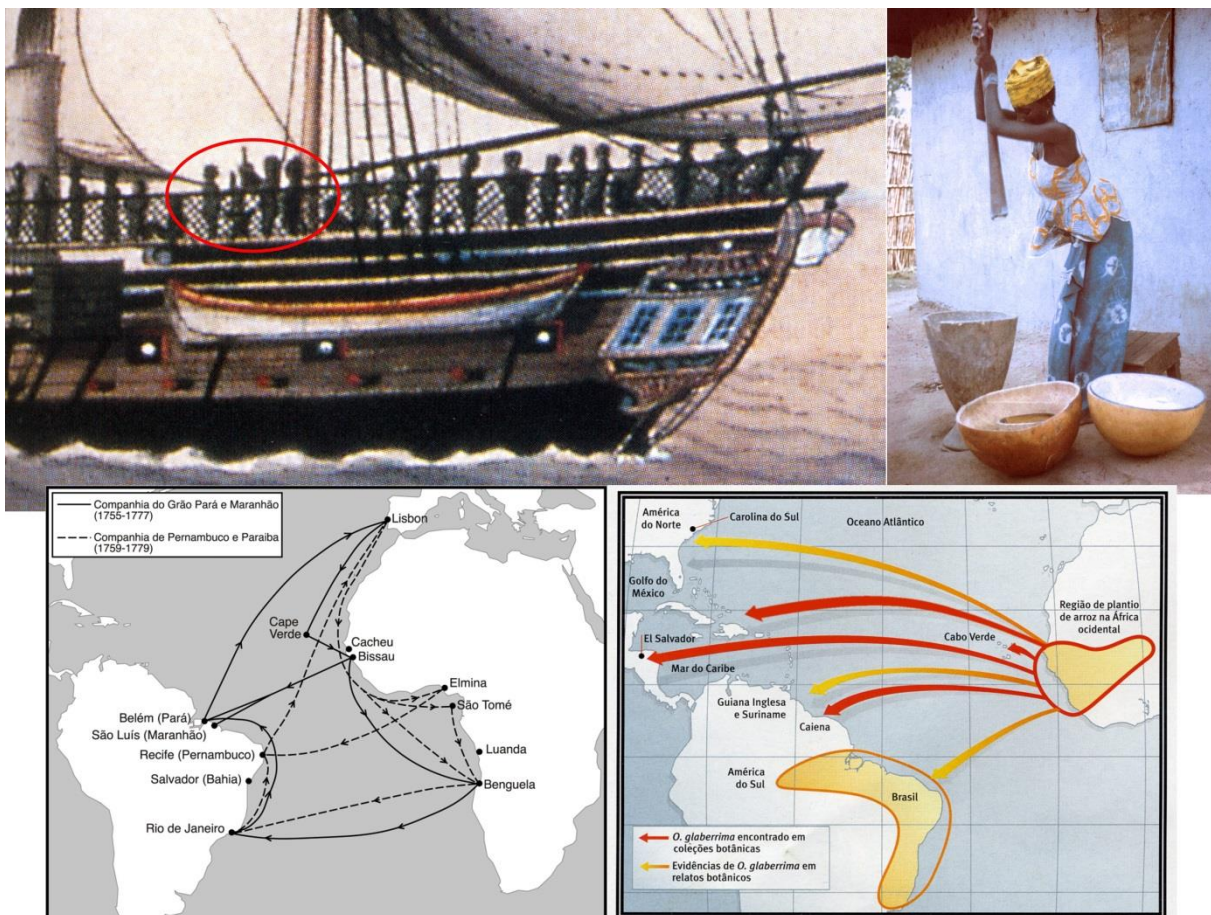
Agora podemos apresentar como o arroz africano veio para as Américas e seu papel no comércio transatlântico de escravos. Ao longo dos séculos de comércio escravo no Atlântico, capitães de navios negreiros comumente utilizavam grãos e tubérculos plantados na África para alimentar os escravos, durante a travessia do Atlântico. Alguns navios negreiros, ocasionalmente chegavam ao seu destino no Novo Mundo com sobras de grãos. É válido notar, que qualquer grão não-moído remanescente da viagem poderia servir de semente e ser plantado. A partir dessas sobras, os escravos africanos acessaram o arroz e outros alimentos básicos africanos. Eles plantavam as sementes nas seus próprios roças de subsistência. Nesse sentido, os escravos estabeleceram alguns dos hábitos alimentares africanos nas Américas (Carney 2009).

A figura 5 apresenta uma imagem significativa. É uma pintura, de 1785, do navio negreiro dinamarquês, *Fredensborg*, partindo da Costa Dourada. Preste atenção nas figuras na retaguarda do navio, à direita. Observações cuidadosas revelam duas mulheres escravas africanas segurando pilões e batendo grãos em um almofariz. O uso do almofariz e pilão significa que os grãos são moídos à mão, comprados não-pilados, ainda com cascos. Não sabemos se o grão africano sendo pilado é milho, sorgo ou arroz. No entanto, revela que os capitães dos navios compravam cereais africanos ainda não pilados e as mulheres escravas eram colocadas para trabalhar pilando-os. As figuras na imagem são certamente mulheres, pois navios negreiros sempre segregavam os escravos homens das escravas mulheres. Mulheres eram mantidas no bunker do convés do navio onde a comida era preparada.

Essa imagem também reflete relatos orais a respeito da introdução do arroz que são contados até hoje em comunidades quilombolas do Maranhão, Pará, Amapá, e das Guianas, onde o autor fez

entrevistas. Com respeito ao Maranhão vale lembrar que entre 1755-1777 a Companhia do Grão Pará e Maranhão, uma empresa de monopólio do Governo Português, funcionou entre Guiné-Bissau, Belém e São Luís (Figura 5). Foi responsável pela importação direta de escravos da África Ocidental, pessoas especializadas no cultivo de arroz. Estima-se que 25,000 escravos entregaram no Maranhão nesse período, cerca de 9,000 partiram dos portos de Bissau e Cacheu (Nunes Dias 1970 p. 465). A memória social da importância de arroz na sua história permanecem nesses quilombos. Eles atribuíram o início da cultura do arroz a uma antepassada escrava. Eles afirmam que ela desembarcou de um navio escravo com grãos escondidos em seu cabelo. A preciosa semente escapou da inspeção, e, mais tarde, ela os plantou. É assim, dizem seus descendentes, que começamos a cultivar o arroz (Carney 2001).

Figura 5. Parte Superior: Detalhe em uma pintura de um navio escravo Dinamarquês, Fredensborg II, ca. 1785. Destaque do autor. Reimpresso com permissão do Museu Marítimo Dinamarquês, Kronborg, Denmark. Parte Inferior esquerda: Rotas marítimas de transporte das empresas comerciais monopólio Português. A Companhia do Grão Pará e Maranhão (linha sólida entre Cacheu, Guiné-Bissau e Belém e São Luís) funcionou entre 1755-1777 e foi responsável pela importação direta de escravos de Guiné para quem o arroz foi o alimento básico. Parte Inferior Direita: Localização de *O. glaberrima* nas Américas (vermelho) e possíveis locais (amarelo).



Fonte: Os Autores.

O escritor Eduardo Galeano encontrou um comentário similar sob o papel das mulheres no aporte de arroz no Suriname. Ele resumiu a importância do grão para os quilombolas numa versão poética na trilogia dele, *Memória do Fogo*:

Suriname, 1711: Eles carregam a vida em seus cabelos

Para todos os negros que são crucificados ou pendurados de ganchos de ferro presos através de suas costelas, escapam das quatrocentas plantações costeiras do Suriname nunca parar. Profundamente na selva um leão preto decora a bandeira amarela dos fugitivos. Por falta de balas, suas armas disparam pequenas pedras ou botões de osso; Mas as matas impenetráveis são seu melhor aliado contra os colonos holandeses. Antes de escapar, as escravas roubam grãos de arroz, milho e trigo, sementes de feijão e abóbora. Seus enormes penteados servem como celeiros. Quando chegam aos refúgios na selva, as mulheres balançam a cabeça e, assim, fertilizam a terra livre. (Galeano 1998 p.8)²

O arroz africano ainda é plantado pelos quilombolas, no interior do Suriname e Guiana Francesa. Carente de pesquisas em outras partes remotas da diáspora africana onde ainda arroz é cultivada por subsistência, como ao longo da costa Pacífico de Colômbia e na Cuba, o *glaberrima* foi também encontrado anteriormente em coleções botânicas feitas na Panamá, El Salvador, e Cuba (Figura 5). (Carney 2001)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No início do período colonial, escravos contribuíram muito mais do que somente o trabalho não qualificado para a história da agricultura das Américas. Por meio de seus esforços em restabelecer suas preferências alimentares específicas, escravos da África Ocidental foram os pioneiros no cultivo de arroz e de outras culturas alimentares africanas, em suas próprias áreas de alimentos. Estes alimentos chegaram abordo dos negreiros como estoques para alimentar os escravos durante a travessia do Atlântico. Alguns navios negreiros ocasionalmente chegavam ao seu destino nos portos do Novo Mundo com sobras de grãos. Estas introduções de alimentos africanos foram inadvertidos mais eles forneceram a possibilidade de reconstituir alguns componentes dos pratos africanos nas Américas. A partir dessas sobras, os escravos africanos acessaram não só do arroz, mas também outros alimentos básicos africanos. Eles plantavam as sementes e tubérculos nos seus próprios roças de subsistência (Figura 6).

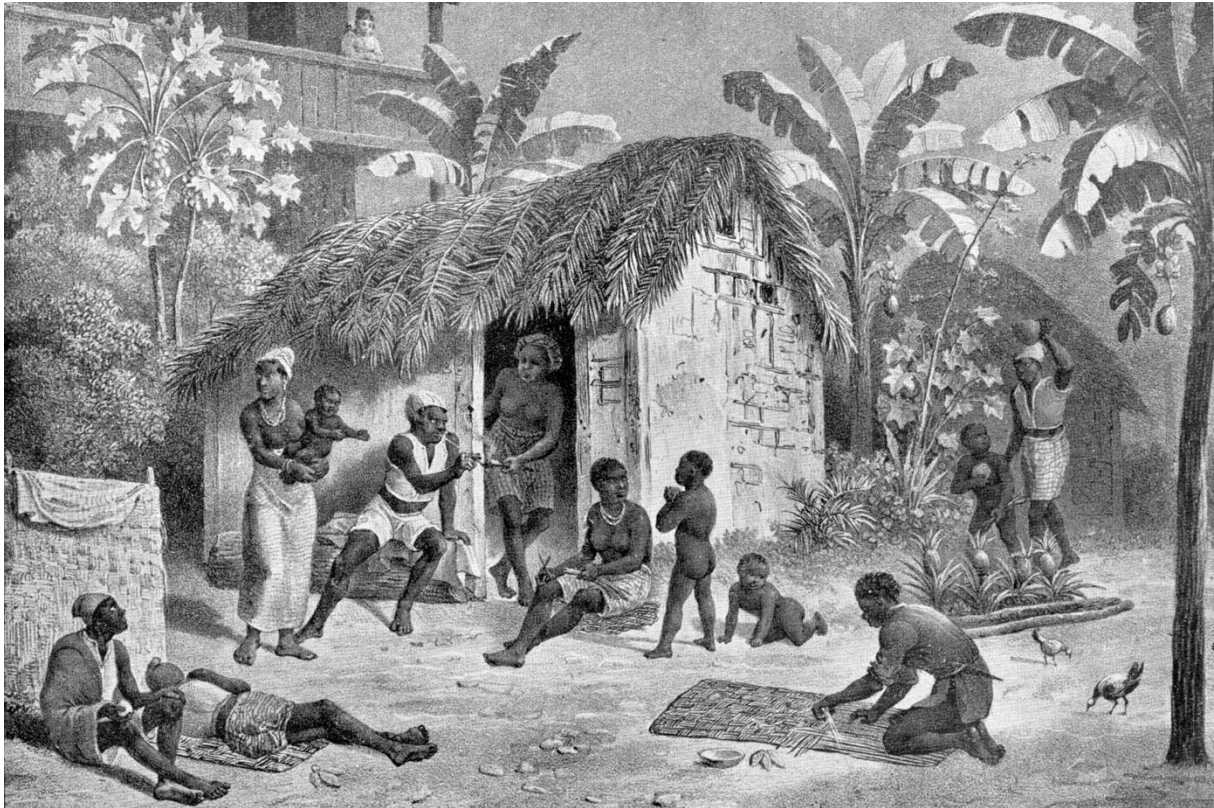
A partir destas roças humildes de alimentos, a adequação do arroz como cultivo foi rapidamente reconhecida pelos senhores de escravos. Fazendeiros aprenderam a cultivar arroz em

² Tradução livre: Suriname, 1711: They carry life in their hair

For all the blacks that get crucified or hung from iron hooks stuck through their ribs, escapes from Surinam's four hundred coastal plantations never stop. Deep in the jungle a black lion adorns the yellow flag of the runaways. For lack of bullets, their guns fire little stones or bone buttons; but the impenetrable thickets are their best ally against the Dutch colonists. Before escaping, the female slaves steal grains of rice, corn, and wheat, seeds of bean and squash. Their enormous hairdos serve as granaries. When they reach the refuges in the jungle, the women shake their heads and thus fertilize the free land.

pântanos de águas profundas, bem como a pilar o cereal e colocar em prática o complicado sistema de controle de água que permitiu arroz a crescer em zonas húmidas do Novo Mundo. Não é por coincidência que esses sistemas se assemelham aos usados por milênios na África Ocidental.

Figura 6. Habitação dos negros.



Fonte: Johann Moritz Rugendas, plate 4/5, after p. 205.

Uma vez que os agricultores se apropriaram, e refinaram, estas técnicas, começou um esforço deliberado para importar escravos de regiões de cultivo de arroz da África Ocidental. Fazendeiros e seus descendentes, mais tarde, reivindicariam esse conhecimento apropriado como sua própria invenção. As memórias escritas pelos donos de escravos procuraram confirmar sua própria criatividade e superioridade inata.

Nessa discussão sobre o arroz africano, se chama a atenção para uma potencial perspectiva ambiental que permite compreender as contribuições africanas na história do Atlântico. Esta pesquisa convida historiadores das sociedades de plantation a considerar as culturas de subsistência que os escravos cultivavam em suas roças de subsistência como os lugares onde primeiro foram estabelecidas essa cultura, além de pensar sobre o papel do navio negreiro e a iniciativa escrava para a presença do arroz nas Américas.

Neste artigo se tinha recontado só a história do arroz. Contudo, muitas culturas na mesa brasileira são de origem africana. Estas contribuem de forma muito importante para os hábitos alimentares da diáspora. Além disso, outros nomes de vernáculos africanos tal como os com asteriscos abaixo (Schneider 1991; Carney & Rosomoff 2009):

Cultivos africanos:

- Arroz africano
- Café
- Calabaça
- Cola
- Cuxá*
- Dendê*
- Feijão fradinho
- Inhame*
- Mamona*
- Melancia
- Milho zaborro
- Quiabo*
- Sorgo
- Tamarindo

A mamona também parece ser nome vernáculo da África. Esta planta africana serviu como medicamento e o seu azeite foi usado como lâmpada de óleo. A planta é bem visível no desenho de Rugendas, à direita da cabana e ao lado do homem e menino (Figura 6). Por fim, pela plantas africanas é possível lhes proporcione uma nova perspectiva sobre as maneiras em que os escravos moldaram os hábitos alimentares singulares e comemorados do Brasil e da diáspora africana.

AGRADECIMENTOS

Este artigo foi apresentado no VII Simpósio Nacional de Ciência e Meio Ambiente, Centro Universitário de Anápolis - UniEVANGÉLICA, Brasil, 24-27 Outubro 2016. A autora agradece o Professor Sandro Dutra e Silva pelo convite para apresentar a palestra e aos Professores Jacquelyn Chase e Gustavo Pinto de Sousa pela assistência com a tradução do inglês para o português e os editores da revista que ajudaram na realização deste artigo.

REFERÊNCIAS

Blake JW 1977. *West Africa: Quest for God and Gold, 1545-1578*. Curzon Press, London.

Carney J 2001. *Black Rice: The African Origins of Rice Cultivation in the Americas*. Harvard University Press, Cambridge, Mass.

Carney J 2004. 'With Grains in Her Hair': Rice History and Memory in Colonial Brazil. *Slavery and Abolition* 25(1):.

Carney J 2005. Rice and Memory in the Age of Enslavement: Atlantic Passages to Surinam. *Slavery and Abolition* 26(3):.

- Carney JA, Rosomoff RN 2009. *In the Shadow of Slavery: Africa's Botanical Legacy in the Atlantic World*. University of California Press, Berkeley.
- Chevalier A 1937. Sur le riz africains du groupe *Oryza glaberrima*. *Revue de botanique appliquée et d'agriculture tropicale* 17(1):.
- Chevalier A, Roehrich O 1914. *Sur l'origine botanique des riz cultivés*. Comptes rendus de l'Academie de Sciences.
- Doar D 1936. *Rice and Rice Planting in the South Carolina Low Country*. Charleston Museum, Charleston.
- Fields-Black E 2008. *Deep Roots: Rice Farmers in West Africa and the African Diaspora*. Indiana University Press, Bloomington.
- Galeano E 1998. *Faces and Masks: Memory of Fire. Vol. 2. trans. Cedric Belfrage*. Norton, New York.
- Hess K 1992. *The Carolina Rice Kitchen: The African Connection*. University of South Carolina Press, Columbia.
- Heyward D 1937. *Seed from Madagascar*. University of North Carolina Press, Chapel Hill.
- Littlefield DC 1981. *Rice and Slaves*. University of South Carolina Press, Baton Rouge.
- Nunes Dias M 1970. *Fomento e Mercantilismo: A Companhia Geral do Grão Pará e Maranhão (1755–1778)*. 2 Vols. Universidade Federal do Pará, Belém.
- Pereira JA 2002. *Cultura do arroz no Brasil*. EMBRAPA, Teresina, Piauí.
- Piso W 1957. *História natural e médica da Índia ocidental*. Instituto Nacional do Livro, Rio de Janeiro.
- Portères R 1970. Primary Cradles of Agriculture in the African Continent. In: JD Fage & RA Oliver (eds.) *Papers in African Prehistory*. Cambridge University Press, Cambridge.
- Ribeiro O 1962. *Aspectos e problemas da expansão portuguesa. Estudos de Ciências Políticas e Sociais*. Junta de Investigações do Ultramar, Lisboa.
- Rochevitz RJ 1932. *Documents sur le Genre Oryza*. *Revue de botanique appliquée et d'agriculture tropicale*.
- Rugendas JM 1954. *Viagem Pitoresca através do Brasil*. Livraria Martins Editôra, São Paulo.
- Salley AS 1919. Introduction of Rice into South Carolina. In *Bulletin of the Historical Commission of South Carolina*. Columbia, South Carolina.
- Schneider JT 1991. *Dictionary of African Borrowings in Brazilian Portuguese*. Helmut Buske Verlag, Hamburg.
- Van Andel TR 2010. African rice (*Oryza glaberrima* Steud.): lost crop of the enslaved Africans discovered in Suriname. *Economic Botany*.
- Van Andel TR, Meyer RS, Aflitos SA, Carney JA, Veltman MA, Copetti D, Flowers JM, Havinga RM, Maat H, Purugganan MD, Wing RA, Schranz ME 2016. Tracing ancestor rice of Suriname Maroons back to its African origin. *Nature Plants* 2(16149). doi:10.1038/nplants.2016.149.

Viguiet P 1937. La riziculture indigène au Soudan français. In *Annales agricoles de l'Afrique occidentale française et étrangère* 1.

Wang M, Yu Y, Haberer G, Marri P, Fan C, Goicoechea JL, Zuccolo A, Song X, Kudrna D, Jetty SSA, Cossu RM, Maldonado C, Chen J, Lee S, Sisneros N, De Baynast K, Golser W, Wissotski M, Kim W, Sanchez P, Ndjiondjop MN, Sanni K, Long M, Carney J, Panaud O, Wicker T, Machado C, Chen M, Mayer KFX, Rounsley S, Wing RA 2014. The genome sequence of African rice (*Oryza glaberrima*) and evidence for independent domestication. *Nature Genetics* 46(9):.

Wood P 1974. *Black Majority*. Knopf, New York.

African Rice in the History of the New World

ABSTRACT:

Rice was introduced to multiple regions of the Americas during the colonial period. Rice plantations flourished in the U.S. southeast and eighteenth-century Brazil. Long attributed to European initiative, recent scholarship suggests that enslaved Africans provided more than labor to the emergence of rice as a food crop in the western hemisphere. This emerges from scholarly consensus that rice was independently domesticated in West Africa 3,000 years ago and further recognition of its role as provisions on transatlantic slave ships. This article summarizes the research findings in support of African agency in New World rice cultivation. A comparative historical approach to Atlantic rice culture suggests African cultural antecedents. The discussion examines the role of enslaved rice-growing Africans in transferring the seed and cultivation skills critical for pioneering the crop's establishment in the Americas.

Keywords: African Rice; Slavery; Crop Introductions; Quilombos; Rice Plantations.

Submissão: 28/04/2017

Aceite: 17/07/2017